

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens malisum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Que dirão!!!*—Secção Scientifica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Carthagená; Jurisprudencia ca-  
nonica*, por F. A.—Secção Critica: *Ainda a questão infeliz*, por E. I.; *Brasil*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Illustrada, por  
M. F.—Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Hamadam (Persia); Horrores da escravatura em pleno seculo das luzes.*



HAMADAN (PERSIA)

## QUE DIRÃO!!! (1)

**Q**UA aqui temos um tyranno, um despota, um implacavel perseguidor que com suas artimanhas causou ao Catholicismo maiores males que os Neros e Dioclecianos. E ainda actualmente, mais da metade e a metade da outra metade dos desgostos que affligem a Igreja de Deus e que todos deploramos, se devem ao poder d'esse constante inimigo de toda a coisa boa: o maldito *que dirão*.

O *que dirão* é o temor pueril, nescio e ridiculo que nos impede fazer uma acção boa, ou nos induz a commetter outra má, só por consideração ao que se possa logo murmurar de nós.

O *que dirão* é um phantasma, que a maior parte das vezes nós mesmos imaginamos, e que com não ser mais que apprehensão pueril, com tudo no aterra, nos sujeita, e escraviza indignamente. A cobardia foi sempre coisa vil, mas sobe de ponto a sua vileza deante de inimigos fracos e desprezíveis, e o *que dirão* é um d'esses inimigos. Se elle reina e governa, se nos sujeita e avassalla, não é pelo seu poder e fortaleza, mas sim pela nossa miseravel pequenez de animo.

Reina e governa, disse eu; e quanto exacta é esta phrase! Não são os malditos tantos como representam, nem são os bons tão poucos como parece a primeira vista; mas, ah! grande parte dos bons faz causa commum com os maus, procura fallar e proceder, ou fingir que procede como elles, porque se não, *que dirão?* E o cohardie *que dirão* faz apparecer como invenciveis as forças do mal, que sem elle seriam a cada passo vencidas.

*Que dirão!* exclama lá para os seus botões um joven de educação catholica; e só por aquella sublime razão fórma côro com seus companheiros devassos, e ouve sem protestar suas grosseiras blasphemias e imundas obscenidades.

*Que dirão!* pensa o proprietario e o capitalista honrado, e se converte em servil adulator d'aquelles mesmos que

em seu conceito matam as crenças, minam os costumes, profanam a familia, e põem em riscó a propriedade.

*Que dirão?* e a mulher honesta e a menina de bom coração não ousam sair a publico, nem apresentar-se em sociedade se não vestem com a liberdade e desafogo das mulheres infames.

*Que dirão?* E por isto encontram assignantes os periodicos redigidos por Satanaz; eleitores os candidatos hostis á Igreja; concorrentes os theatros, onde se baila e representa á custa da vergonha e decóro publico; applausos esses bisarmas revolucionarios; cara de riso, e condescendencia, e tolerancia, e amisade tudo o que da parte dos bons não devera encontrar senão retrahimento absoluto, já que não ha valto para fazer-lhe em todos os terrenos guerra sem tregua nem quartel.

E o *que dirão*, que tantas baixezas obriga a commetter, quantas acções boas não impede? Mesmo entre pessoas de religião, de fé e piedade, quanta apostasia e infidelidade por um simples *que dirão?* — Por causa do *que dirão* quem sabe se até algum ecclesiastico se privará de graças ineffaveis, que poderia adquirir n'uns Exercícios espirituales de que ouviu fallar a exemplares collegas, mas de que se vai retrahindo de anno para anno com pretextos mais ou menos futeis... continuando na mesma?

O Sr. Joaquim assistia antes ás funcções religiosas, e por signal que com muita devoção o vi eu muitas vezes com o terço e livro de missa na mão. Agora não deixou a sua fé, mas excusa as praticas d'ella. Amigo Francisco, diga-me por favor: porque não frequenta V. agora a Igreja? — Homem... *que dirão* de mim! Vão-me a chamar jesuita...!!!

Porque não saúda reverentemente a casa de Deus, tirando o chapéo ao passar pela sua porta, o meu condiscipulo Eduardo? Pobrezinho! bem quizera elle, no seu interior, o triumpho da Igreja, e a humilhação dos seus inimigos; mas... é joven, veste com elegancia, frequenta a boa sociedade; *que dirão* d'elle seus amigalhões se o surpreendem com o chapéo na mão, saudando a casa de Deus? São capazes de lhe chamarem beato!... e isso é horrivel; não é verdade, meu Eduardo? Verdadeiramente é coisa horrivel a cortezia com Deus.

Aqui o meu visinho da esquina lia antes e propagava a leitura do *Mensagem do Coração de Jesus* e outros periodicos catholicos; agora porém só lhe vejo nas mãos o *Seculo*, e outros mensageiros do diabo, onde se leem artigos e noticias capazes de lhe fazerem corar o rosto de vergonha, se inda tivesse alguma; d'onde veio, meu Al-

fredo, esta mudança? — E' que são capazes de me dar... algum *pum*, se me võem ler periodicos catholicos, ou se sabem que sou assignante d'elles!

Aquelle pae de familia procura com todo o zelo conservar em sua casa os costumes christãos. Dá graças depois de comer, porque o homem, racional e christão, não se ha de parecer ao bruto que se faria de bolota, sem a agradecer á arvore que lh'a deu. Tambem reza o terço e mais alguma oração á noite, porque não se ha de o homem deitar como os cães sem encomendar-se a Deus. Só algumas vezes, durante o anno, se omittem estas praticas piedosas; e que motivo poderoso pôde justificar esta omissão? — Ha um hospede em casa, e o tal hospede é um tanto despreoccupado em materias de Religião. *Que dirão* o forasteiro se vir dar graças a Deus e rezar o rosario de Maria Santissima? Deixe-se por hoje; e para evitar o *que dirão* o forasteiro, a familia catholica procura aquelle dia parecer incrédula.

*Que dirão!* Para evitar o *que dirão* não rezo na rua o popular e portuguez *Angelus*, quando para isso me convida o toque das *Ave Marias*: cruza a primeira esquina para não me ajoelhar quando a voz do Sacerdote me avisa da proximidade do Santissimo Viatico, que vem pelo meu caminho: no templo colloco-me lá como guarda-portão, ou no canto mais escuro para que ninguem me veja, sem attender á missa, nem tirar do bolso, Deus me livre! um devocionario: evito na conversação o nome santissimo de Deus, porque é coisa de mau gosto, e repito pelo contrario uma enfiada de nomes proprios só de carroceiros ou garotos incivis: etc., etc., tudo por causa do *que dirão*, affim de que não se diga que sou o que sou, isto é, catholico, honrado e bom christão, e affim de que se julgue que sou o que não sou, isto é, atheu, incredulo e homem sem Religião.

Não é esta talvez a tua historia, meu amigo leitor? Que contradicção! Que baixaza!

Se o temor pueril, o vão respeito ao *que dirão* é sempre uma baixaza indigna de um coração nobre e santamente altivo, em nossos dias *reveste* (é palavrinha da moda) todos os caracteres de uma verdadeira traição.

Sabido é que certas faltas levissimas e quasi dissimuladas em tempo de paz, castiga-as o codigo militar com severidade inexoravel em tempo de guerra.

As circumstancias, com effeito, fazem grave o que n'outras podera parecer leve, e isto é o que acontece no nosso caso.

Deante de nós temos um exercito que

(1) Do *Novo Mensageiro* extrahimos este formoso artigo, valiosissima perola que offerecem a nossos leitores. E se algum d'elles o apreciou já na interessante Revista lisboense, não perde o tempo que lhe consagrar em segunda leitura. Encerra tantas e tão preciosas verdades, que devem andar na memoria e no animo de todos, para que sejam bem sabidas e bem praticadas. Não pedimos licença ao *Mensageiro* para fazermos a transcripção: artigos d'estes fazem parte do patrimonio commum da sociedade. Por isso, o que pedimos, e pedimos com todas as veras, é que seja elle disseminado por todos os periodicos, certos que grande bem fazem ás almas, tão carecidas hoje de serem instruidas e animadas na lueta que cada momento tem a ferir.

annuncia sem reboço o plano de destruir-nos e aniquilar-nos. Seu lemma infernal é: *Guerra a Deus*; suas hostes são numerosissimas, seus recursos immensos. O ataque repete-se cada dia e cada hora; é um combate sem tregua, desesperado. Disparam-nos de frente, pelos flancos e peia rectaguarda; mimam-nos o terreno debaixo dos pés; armam-nos astutas ciladas. Ha quem se apregoa nosso amigo para combater nos melhor; quem falsifica nossa divisa para enganar-nos, procurando introduzir-se em nossas filias, para mais a seu salvo semear n'ellas a discordia e a desordem.

Em condições tão desfavoraveis fazemos nossa penosa marcha, agrupados em *quadro*, com o nosso chefe o Papa no centro, nossa bandeira immortal tremulando sobre nossas cabeças, nossos capitães os Bispos e Sacerdotes, firme cada qual a frente da sua companhia. A voz principal que a todas as horas se ouve entre o estrondo da batalha é a da União! união! compactos! não debandar! Effectivamente; quasi toda a tactica da nossa defesa deve ser manter-nos constantemente unidos.

Pois bem: o catholico que por um nescio *que dirão* deixa as praticas da sua Religião, ou se mostra condescendente com os adversarios, é um miseravel, que frente a frente com o inimigo recusa brandir a arma que se lhe entregou para a defeza de seus irmãos: é um covarde que volta o rosto aos primeiros tiros; é um traidor que poderia julgar-se peitado pelo inimigo para lançar o desanimo entre os leaes.

Fallemos já sem allegorias. Somos ou não somos catholicos? Temos ou não temos obrigação de ostentar nossa fé? Juramos ou não juramos conserva-la ainda á custa da vida? Ninguem que não acceite estes sagrados compromissos pôde chamar-se catholico. E dias podem vir em que seja indispensavel arrostar, não só o risinho amarello de um funileiro ou caixeiro, mas o senhoirado de demagogos furiosos. Dias podem vir em que deva desprezar-se não só o *que dirão?* mas até o *que farão?* que é pergunta um pouco mais seria. E se nos acostumamos a tremer e render-nos a palavras sómente, como sabemos manter-nos impavidos ante as obras?

*Que dirão!* E não pensastes nunca *que dirão* do vosso proceder os bons? Dar tanta importancia á chufa de um devasso maltrapilho, e dar tão pouca ás merecidas admoestações dos homens de bem!

*Que dirão!* E não imaginastes nunca o *que dirá* Christo quando apparecer no seu tremendo tribunal o catholico tímido que desmaiou, fugiu, fez traição á sua fé, só porque... (e vivam os

espíritos fortes!), só porque seus inimigos se riram d'elle!!! Se não podeis soffrer os risos dos homens, como soffrereis as iras de Deus?

Consequencia indeclinavel de tudo o *que fica dito*:—a primeira virtude social de um catholico de nossos dias deve ser o *descaro*.

Sim, senhor. Os catholicos havemos de sê-o *descaradamente*. Aquelle a quem faltar este adverbio precioso não serve para catholico do seculo dezanove.

Bem sei que anda por ahi certa classe de catholicos, cujos estudos e cavillações são encontrar o que poderiamos chamar a pedra philosophal que os torne felizes. Esta pedra philosophal, este problema em cuja resolução perdem a cabeça e tambem a alma os taes catholicos, pôde propôr-se com a formula seguinte: «Dadas as condições especiaes do nosso seculo, e dadas as condições essenciaes e eternas do Catholicismo, achar o meio de ser catholico sem parecel-o.» E aqui está o grande problema da epocha actual.

Custa-lhes tanto ouvir-se apostrophar um dia e outro dia de *ultramontano*, *obscurantista*, *inimigo das luzes*, *fanatico* e... *jesuita*, que, valha-me Deus! aproveitam-se todos os recursos, tomam-se todas as precauções, adoptam-se todos os disfarces para não merecel-os. D'aqui as posições equivocadas, as phrases ambiguas, os protestos de illustração e de tollerancia, e respeito a opiniao, e as restricções e os distinguos, e... tudo o que o demonio soube inventar para estes seus miseraveis escravos. Não se tem valor para ouvir por Christo a graçola de um malcreado; não se tem o *descaro* da fé, embora se tenha a convicção da mesma. E riam-se da fé que não é *descarada*; estejam persuadidos que procurara ser pelo menos fé com duas caras.

*Descaro*, pois; sim, *descaro*. Não vemos como em todos os tempos foi esta a primeira virtude dos soldados insignes do Catholicismo? Não vemos como *descaro* se apresenta Pedro as auctoridades de sua nação para dizer-lhes: «Prohibiste-me fallar de Jesus; pois bem: hei de fallar d'elle, porque devo obedecer antes a Deus do que a vós?» Não vemos como *descaro* entram fracas mulheres nos tribunales e lançam ao rosto do tyranno a firme proffissão de Catholicismo, que ha de levá-las á fogueira? Não ouvimos fallar nunca do *descaro* de uma joven de treze annos, chamada Eulalia, cuspiendo ás barbas do mesmo governador Daciano? Pois por isso é que todos celebramos como Santa e heroína essa modestissima e valorosissima donzella.

Sê pois catholico, meu amigo, e sê-o em toda a parte: no lar domestico, na

praça publica, na fabrica, no desempenho dos cargos politicos, no gozo das mesmas diversões. Sê catholico, quer entre amigos, quer entre inimigos: sê catholico respondendo á gargalhada impia com o desprezo digno dos incivis, ou com outra gargalhada ainda maior; *que mais ridiculo*, mil vezes mais, é o fanatismo da impiedade, que o que em nós se quer satyriar com o nome de fanatismo religioso. Acceita qualquer dito que por ser catholico se te dirija, como *titulo de gloria*, como brazão de familia, como documento que acreditará ante Deus e ante o mundo a verdadeira prosapia de teu catholicismo sem mistura. E se o dito ferir tua honra e com ella o mais sensivel do teu coração, lembra-te que somos soldados, e *que para estes não ha melhor folha de serviços* que as cicatrizes de seu peito.

O famoso—*que importa?*—tão proprio da altivez e bizarría dos povos da península, seja a tua resposta constante ao vergonhoso—*que dirão?*—dos cohardes e apoucados.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Liberalismo

#### Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Carthagena

(Continuado do n.º anterior)

II

*Não se confunda o Liberalismo com alguma forma de Governo*

CONFUNDINDO os accidentes com a substancia, a forma com a essencia, erroneamente julgarão muitos, na epocha presente, que o *Liberalismo* é o systema partidario do regimen representativo das sociedades civis; o systema que se propõe defender a liberdade dos cidadãos contra os abusos do poder; em summa, que o *Liberalismo* é *mero constitucionalismo*. D'est'arte, liberal e constitucional seriam a mesma coisa, sendo certo que ao constitucional nada ha verdadeiramente que reprehender ou condemnar, visto como o catholicismo, indifferente a todas as formas de governo, nenhuma rejeita, e com todas se avém, quando as acha legitimamente estabelecidas.

Quem não vê porém que esta idéa de *Liberalismo* é de todo o ponto inexacta? Actualmente, onde se achará alguem tao ignaro que desconheça haver governos representativos, e até republicas, eminentemente catholicas, quando, pelo contrario, existem monarchias mais ou menos absolutas, regi-

das pelos principios e leis do *Liberalismo* contemporaneo?

Não nos deteremos a insistir n'este particular assás dilucidado entre catholicos, limitando-nos tão só a citar as formosas palavras do soberano Pontífice: «Em face d'isto, cada um, julgando rectamente, pôde ver, que entre as varias formas de governo, nenhuma ha que em si mesma seja reprehensivel, como que nada contem repugnante à doutrina catholica; antes, postas discreta e justamente em pratica, podem todas ellas manter o Estado em ordem perfeita. Nem é tão pouco digno de censura que o povo, consoante as attribuições e capacidade de cada qual, participe da gestão dos negocios publicos; em certas occasiões, dada uma legislação determinada, pode essa interferencia, não só tornar-se proveitosa, mas ainda obrigatoria para os cidadãos (1).»

Palavras notaveis, em plena concordancia com estas da Encyclica *Libertas*: «Nem é tão pouco, olhado em si mesmo, contrario a nenhum dever o preferir para a republica uma forma de «governo moderadamente popular, salva sempre a doutrina catholica, acerca da origem e exercicio da auctoridade publica. Não reprova a Igreja «genero algum de governo, quando «seja apto para a utilidade dos cidadãos: quer porém, como por seu lado «egualmente o exige a natureza, que «cada um d'elles seja constituído sem «injuria de ninguem e singularmente «não attentando contra a integridade «dos direitos da Igreja.»

Não; o *Liberalismo* não defende uma forma determinada de governo; pois o catholicismo, que as acceta todas, condemna e reprova o *Liberalismo*. Melhor conhecia a essencia e os principios do *Liberalismo* o Sancto Padre Pio IX, quando em uma occasião solemne o definiu d'este modo: *Um systema expressamente inventado para debilitar, e se fosse possivel, destruir a Igreja* (2).

A vista perspicaz do Pontífice via, sem duvida, no fundo do *Liberalismo* alguma coisa mais que uma affirmacão de determinada forma de governo, quando assim o denunciava às consciencias catholicas como inimigo declarado e irreconciliavel da Igreja do Cordeiro. *Que vés tu?* perguntava Deus ao propheta Jeremias. *Vejo*—proseguia o propheta—*uma panella incendiada até à parte do Aquilão*. E o Senhor me disse: *Isso quer dizer que do Aquilão se diffundirão todos os males sobre os habitantes da terra* (3).

A' fé, que isto via no *Liberalismo* o

(1) *Immortale Dei*.

(2) *Alloc. Jamdudum*, 18 de març. 1861.

(3) *Jerem. I. 18 e seg.*

inspirado Pontífice. Nas pregas da bandeira adversa lia o dogma favorito do systema: *emancipar o Estado da auctoridade da Igreja*, e n'elle prescru-tava os males gravissimos que communicaria à Igreja e ao Estado; persagiava as consequencias funestas, solemne-mente annunciadas trinta annos antes por seu glorioso predecessor: «Nem melhores cousas pudéramos assegurar à religião e à sociedade, se attendermos aos desejos dos que obstinadamente ambicionam a separação da Igreja do Estado, rompendo-se a concordia entre o imperio e o sacerdocio, pois sabido é de todos quanto uma tal coucordia, sempre nimiamente benefica aos interesses religiosos e civis, é sobremodo temida dos fautores da liberdade mais desvergonhada» (1).

### III

#### *Definição etymologica do Liberalismo*

E em verdade se não enganavam os insignes Pontífices, porque o *Liberalismo*, em si mesmo, o que é elle?

Etymologicamente considerado, outra coisa não significa essa palavra, que um systema partidario ou defensor dos direitos e foros da liberdade. Pos-suindo a liberdade foros e direitos, claro é que, em bom sentido, poderia dar-se um *Liberalismo* verdadeiro e bom, qual fôra aquelle que se concretasse a defender os foros e direitos legitimos da liberdade humana: mas quando estes direitos a ampliam e exaggeram além do justo e licito, surge então um *Liberalismo falso*, um *Liberalismo mdo*. Tomado pois n'este sentido a expressão de *Liberalismo* é equipollente à de *racionalismo*, *philosophismo* e *socialismo*, etc., que apenas significam o indevido exaggero dos direitos da razão, da philosophia e da sociedade, e por tal processo não se circumscrevem sómente a tolher o exercicio dos direitos legitimos, mas chegam ao extremo de negar ou destruir a razão, a philosophia e a sociedade. (2)

Em presença do exposto, puderamos pois definir o *Liberalismo* o systema que amplia e exaggera, além do que é justo e licito, os foros e direitos da liberdade humana. Idéa luminosa, que nos cumpre desenvolver, visto como de sua analyse resalta o conhecimento da natureza intima do erro contemporaneo e seus differentes graus.

(1) Gregorio XVI, Encyclica *Mirarivos*, de 15 d'agosto de 1832.

(2) Vid. Art. *Lo verdadero* etc. tom. I, pag. II, cap. V, e a correspondencia entre Meternich e Donoso Cortez, em suas *Obras*, tom. V.

### IV

#### *Tres especies de Liberalismo*

Ao inverso dar modernas escholas, que no homem só vêem direitos e não deveres, ensinam-nos concordes a religião e a razão, que o homem tem deveres e direitos, e que lhe adveem os direitos de ter-lhe Deus imposto deveres.

Para com Deus, Creador seu, tem o homem deveres, mas não direitos; para comsigo e seus semelhantes tem direitos e tem deveres; mas direitos, cujo fundamento e cujo regulador supremo reside nos deveres para com Deus, de tal modo que bem pudéramos affirmar-se que os direitos do homem não teem outro objectivo que o cumprimento dos deveres primarios para com Deus. (1)

Pois bem: um systema que exaggerasse os direitos da liberdade até ao ponto de por completo supprimir os deveres, seria o *Liberalismo absoluto*, o *Liberalismo radical*: um systema que sem supprimir os deveres concernentes ao homem, exaggerasse os direitos e restringisse os deveres, seria o *Liberalismo moderado*. E visto que o homem é susceptivel de direitos e deveres em duas ordens distinctas, natural e sobrenatural, e pôde ser considerado de dous modos differentes, como individuo e como membro da sociedade, o *Liberalismo moderado* admite especies e graus, consoante a ordem e o modo porque exaggera os direitos ou restringe os deveres, e segundo, applique esta exaggeração e restricção ao homem individual ou ao homem social. Quem, negando a ordem sobrenatural, negasse os deveres e os direitos a que, relativamente a esta ordem, está sujeito o homem, considerado individual e socialmente, enunciaria um *Liberalismo* menos moderado e mais radical, que um outro que, admittindo a ordem sobrenatural, affirmasse todavia que ella obriga aos individuos mas não às sociedades, tendo como objectivo d'ellas a só felicidade temporal e terrena, sem lhes tocar a obrigação de em seus meios e seu regimen attenderem à ordem sobrenatural.—Tres pois são os graus e especies de *Liberalismo*: 1.º suppressão de todo o dever para com Deus; 2.º suppressão de todo o dever de ordem sobrenatural; 3.º suppressão de todo o dever sobrenatural nas espheras sociaes. O primeiro é o *Liberalismo absoluto*; o segundo o *Liberalismo naturalista*; o terceiro o *Liberalismo politico* ou *moderado*.

Eis aqui pois os tres grandes ramos do *Liberalismo*; eis aqui descoberta a sua natureza intima, isto é, restricção

(1) *Priso, Derecho natural*.

de deveres e ampliação de direitos da liberdade humana.

Analysemos ainda uma idéa mais, que sua analyse nos levará a conhecer o principio fundamental do systema.

## V

*Malicia de cada um dos ramos do Liberalismo*

Todo o dever suppõe sujeição e dependencia de Deus, principio primeiro, como antes diziamos, e regulador supremo de todos os deveres e direitos; com respeito a Deus o homem não tem direitos—está total e absolutamente sujeito ao dominio de seu creador. Augmentar a esphera dos direitos de liberdade ou restringir a dos deveres, é negar total ou parcialmente a sujeição do homem a Deus; é emancipar-se de sua auctoridade soberana, proclamar-se independente; é negar a soberania absoluta de Deus na proporção em que se affirme a da creatura.

A idéa pois da eliminacão dos deveres humanos, resolve-se na idéa de independencia, de emancipação de Deus.

Tal pois o principio fundamental do *Liberalismo*: a negação da soberania absoluta de Deus; a affirmacão da independencia da liberdade humana.

O *Liberalismo absoluto* nega radicalmente a soberania de Deus sobre o homem, e proclama a independencia absoluta da liberdade humana; o *Liberalismo naturalista* reduz a soberania de Deus á ordem natural, e na ordem sobrenatural outorga inteira liberdade ao homem; o *Liberalismo politico* admite a soberania de Deus nas duas ordens, mas proclama a independencia da liberdade nas espheras sociaes, da auctoridade sobrenatural do Verbo de Deus e da sua Igreja.

Vejamos a nitidez com que o Nosso Sanctissimo Padre expõe o principio fundamental do *Liberalismo* e suas diferentes formas: «É imprescindivel que todo o homem se mantenha verdadeira e perfeitamente sujeito ao dominio de Deus: não pôde pois conceber-se uma liberdade do homem emancipada de Deus e da vontade de Deus. Negar a Deus tal dominio ou recusar soffrel-o, não é proprio do homem livre, mas sim, d'aquelle que posterga a liberdade para se rebelar: n'esta disposição de animo, se engendra e desenvolve o vicio capital do *Liberalismo*, que abrange multiplas formas, por que a vontade pôde, não do mesmo modo nem no mesmo grau, separar-se da obediencia devida a Deus e aos participes de sua auctoridade.»

«Claro é que desacatar absolutamen-

te o dominio soberano de Deus e subditur toda a obediencia, é não só «summa perversão da liberdade, mas ainda o peor genero de *Liberalismo*.»

«Sabemos que nem todos os factores do *Liberalismo* acquiescem a estas opiniões, aterradoras por sua mesma hidiondez, supinamente repugnantes a verdade e causa evidente de males gravissimos; pelo contrario, muitos d'elles, subjugados pela força da verdade, confessam com fraqueza e affirmam espontaneamente, que a liberdade degenera em vicio e em maldade desta licença, quando se abusa d'ella sem reboço, conculcando a verdade e a justiça, pelo que lhe toca ser governada e regida pela recta razão e consequentemente sujeita ao direito natural e á eterna lei divina. Mas julgando que não se ha de passar mais adiante, negam que esta sujeição do homem livre as leis, que Deus queira impor-lhe, haja de fazer-se por outra via que a da razão natural...»

«Certo que mais moderados são, porém não mais consequentes consigo mesmos, os que dizem que a vida e costumes dos individuos se ha de, com effeito, reger pelas divinas leis, «mas não a vida e costumes do Estado, porque nas cousas publicas é permitido apartar-se dos preceitos de Deus e não attender a elles no estatuir as leis. D'onde nasce aquella perniciosa consequencia «que é necessario separar a Igreja do Estado.»

D'estes tres graus ou formas de *Liberalismo*, achamos o primeiro representado nas escholas socialistas; o segundo defendem-no os naturalistas, os livre pensadores e os maçoês; o terceiro coube em partilha aos liberaes propriamente ditos.

(Continúa).

## Jurisprudencia canonica

### Acerca da symonia real e confidenciaal

#### II

RESPONDAMOS agora directamente á consulta, e para isto não temos mais que expor a doutrina canonica, deixando ao bom senso do nosso consultante o fazer a applicação pratica ao caso, e finalmente monstruoso e quasi incrível de que se tracta.

Sancto Thomaz define a simonia do seguinte modo: «*Studiosa voluntas emendi vel vendendi aliquid spirituale vel spirituali annexum pretio temporalis vel re pretio aestimabili.*»

Ha simonia de direito natural e divino e tambem somente de direito ecclesiastico.

Por direito natural e divino positivo condemna-se como verdadeiramente simoniaca toda a compra d'uma coisa *per se* espiritual, ou annexa á espiritual, por uma coisa temporal. Simonia de direito ecclesiastico é somente a que é prohibida pela Igreja. E ella com effeito não fulmina somente a que é de direito divino; mas tambem prohibe pelo seu direito positivo, como simoniacos, aquelles actos, que, embora considerados em si mesmos, não importem compra d'uma coisa espiritual por uma temporal, ha com tudo justo receio e perigo de que se dê.

Por tanto, a condemnação da Igreja procede do perigo de poder dar-se simonia de direito divino. Eis a razão da simonia do direito ecclesiastico.

Os canonistas assignalam principalmente os casos seguintes em que se dá uma tal especie de simonia.

O primeiro verifica-se na *permutação dos beneficios, feita por auctoridade particular*, (que é exactamente a especie de que tracta a consulta).

Uma permutação assim, note-se bem, ainda mesmo que fôra sem intenções nem factos simoniacos, (que se deram, e escandalosissimos, no caso pertinente) só por derivar de auctoridade particular, e prohibida como simoniaca no Cap. 5 e 7, *De rerum permutacione*:

Outro caso é quando se renuncia um beneficio em favor d'um terceiro (Glossa in cap. «*Directo*» de *Præb*).

Ha alem d'isto outra especie de simonia, chamada *confidenciaal*, e que S. Pio V reprovou com a sancta indiguação que merecia, na Bulla «*Intolerabilis*» de 14 de novembro de 1569. Toda a malignidade d'esta especie de simonia consiste em alguém se empenhar para outro ser provido em qualquer beneficio ecclesiastico, seja muito embora por aquelles modos que o direito canonico reconhece como legimos, elegendo-o, apresentando-o, conferindo-o ou resignando-o em seu favor, sob a condicão ou obrigação de confidencia, tacita ou expressa, de que o que primeiro alcançar o beneficio, a seu tempo o ceda ou resigne em favor de quem por elle se empenhou, ou d'outra pessoa da sua leição.

Para incorrer nas penas fulminadas pela Igreja contra a simonia confidenciaal, basta, dizem os canonistas, que o contracto simoniaco tenha sido cumprido só por uma das partes; isto é, não é preciso que a simonia seja real; basta que seja simplesmente convencional e em parte real.

Em vista d'estes principios geraes, é facil concluir, que ambos os parochos de que fala a consulta commetterao o

crime horrendo de simonia *confidencial* no caso de um d'elles vir a ser provido n'um dos benefícios, ou *real* se se effectuar a permutação d'ambos os benefícios. E incorrerão por este facto, logo que se realice, nas penas contra os simoniacos.

Antes, porém de falarmos n'estas penas tremendas, é justo que apreciemos, ao menos de passagem, a justiça com que a Igreja fulmina aquelle crime, patenteando a enormidade d'elle. E é bem justo que assim o façamos, sendo elle hoje praticado com tanta audacia, como impunidade por tantos desgraçados ecclesiasticos, que a troca de benefícios, mais ou menos rendosos, acarretam sobre suas almas a ira de Deus e os mais terríveis anathemas da Igreja, de quem são o maior flagello e opprobrio.

## III

E' opinião unanime e incontrovertida entre canonistas e moralistas, que a simonia é gravissimo peccado de sacrilegio. Que é sacrilegio, affirmo o Can. I, caus. I, q. 3. A razão é clarissima: pela simonia tractam-se com irreverencia as coisas sagradas e espirituaes, o que é sempre sacrilegio, segundo os moralistas. Que a simonia é peccado gravissimo, consta dos *Act. dos Apostolos*, c. VIII, onde se lê que S. Pedro comminou contra Simão Mago a maldição de pena eterna, dizendo-lhe: «*Pecunia tua tecum sit in perditionem, quoniam domum Dei aestimasti pecunia possidei.*»

De varios logares do direito canonico se demonstra quanto este peccado é abominavel aos olhos de Deus, pois é chamado *excecrabile flagitium* (can. *Reperiuntur* caus. I, q. 2), *horribile nimis*; e é equiparado ao crime de *Lesae Magestade* (c. *Cum in Ecclesia*, 9—*De simonia*). O Papa Gelasio, para exprimir a malicia gravissima que involvem um tal peccado, não duvidou afirmar «que todos os crimes são como um nada em comparação da simonia»—*Omnia crimina in comparationem simoniae quasi pro nihilo reputantur.* (c. *Sim.*, caus. I, q. 7.)

E' de tal natureza a sua malignidade, que a cada passo em direito canonico é chamado heresia, e a ella equiparado (can. *Presbyter*, 3; can. *Qui studet* 11, can. *Quicumque* 12. etc.) No can. *fin.* 9. 7, chega mesmo a dizer-se que os simoniacos deviam ser repellidos e abominados por todos os fieis como os primeiros e principaes hereges—«*simoniacos veluti primos et praecipuos hereticos ab omnibus fidelibus respuendos esse.*»

Accresce ainda á malicia da simonia o ser um vicio perniciosissimo para a Igreja de Deus, porque, como muito

bem observa Layman (lib. 4, tract. 4, c. 8) e outros caonhistas, pela simonia sobem os indignos ás prelaturas com gravissimo damno da Igreja e dos fieis; conferem-se os benefícios ecclesiasticos e parochiaes áquelles, que só os procuram para seus commodos temporaes, com grande ruina para as almas, que em vez de pastores santos que as conduzam por salutaes ensinos e bons exemplos pelas veredas da salvação, são dirigidas por lobos que as devoram e precipitam, por seus escandalos e pessimos exemplos, no baratro da eterna perdição.

Não admira, em vista do exposto, que os sagrados canones recomendem que se não tenha com os simoniacos nenhuma misericordia (can. *Erga simoniacos*, 109, caus. I, q. 1.).

## IV

Omittindo as penas contra outras especies de simonia, exporemos somente as que dizem respeito aos benefícios ecclesiasticos que são aquellas que tem relação com o caso que estamos resolvendo.

Na Extrav. 2, *De simonia*, e no c. 23 d'este mesmo titulo, se declara que qualquer collação de beneficio obtido simoniacamente é, *ipso jure*, nulla.

Aquelle que entrou simoniicamente para qualquer beneficio, é obrigado não só a largal-o e a restituir os fructos recebidos, mas tambem lica perpetuamente inhabil para obter o mesmo beneficio. (c. *pen. De electo* do cap 27 *De Simonia*; *Constit. de S. Pio V* «*Cum primum.*»)

O simoniaco pode, por sentença do competente juiz, ser privado de qualquer outro beneficio que por ventura possua, e ficar inhabil para possuir qualquer beneficio.

O simoniaco deve ser deposto do ministerio do altar, por sentença do juiz, como o determina o cap. 11, Tit. III *De simonia*, e o can. *Erga simoniacos*, caus. I q. 1.

Tanto o que confere o beneficio, como o que n'elle é provido simoniicamente incorre em pena de excommunição *latae sententiae*. Esta pena foi renovada na *Constit. Apostolicæ Sedis*, na qual entre as excommunições *latae sententiae* *Papæ simpliciter reservatas* se lê n. 8 a excommunição infligida contra «*reos simoniae reus in beneficiis quibuscumque eorumque complices.*»

Em todas estas terribilissimas penas incorrerão os dois desgraçados parochos, P. e T., logo que se realice a permutação ajustada dos taes benefícios, isto é, logo que se effectue a permutação da parte de ambos, pois haverá então verdadeira simonia *real*,

contra a qual estão fulminadas as penas *supra*.

Mas effectuada que seja a collocação d'um d'elles no respectivo beneficio, teremos a simonia *confidencial*; e eis aqui as penas em que ambos incorrerão: 1.º na pena de excommunição *ipso facto*, fulminada por S. Pio V na sua constituição «*Romanum Pontificem*» cuja ceusura foi tambem renovada por Pio IX, de santa memoria, na Constituição «*Apostolicæ Sedis*» entre a excommunição *latae sententiae Romano Pontifici simpliciter reservatas*, onde se leem estas palavras «*Reos simoniae confidentialis in beneficiis quibuslibet, cujuscumque dignitatis*»; 2.º na pena não só de privação do beneficio, ácerca do qual se commetteu a simonia, mas tambem de todos os benefícios ou pensões legitimamente recebidas, logo que se dê sentença do juiz a este respeito; 3.º inhabilidade para obter o mesmo ou outros benefícios etc.

Emquanto porém não se effectuar a permutação d'ambos os benefícios ou um dos dois não for provido, não existe senão o horrendo peccado de simonia, de que são reos os dois parochos, P. e F., pelo facto de terem pactuado entre si a realisação d'aquelle contracto sacrilego; mas não incorrerão nas penas canonicas, como já se disse, senão depois de ambos ou um d'elles ter sido provido n'um dos benefícios parochiaes.

Já vê portanto o nosso zeloso consultente, que se isto acontecer, não podem ser absolvidos. mas é preciso expor o caso á Santa Se e d'ella obter a sanação para tantos males e as facilidades necessarias para os absolver.

F. A.

N. B. Muitos srs. Ecclesiasticos se queixam de se lhes não dar prompta resposta ás consultas que se dignam dirigir a esta redacção. Lembrem-se porém que se não pôde responder a todas ao mesmo tempo. Nem sempre o *Progresso Catholico* se pôde occupar d'este assumpto, embora seja de palpavel importancia; quando porém a elle consagra suas paginas, ha que dar-se vez aos que primeiro chegaram, que assim é justo que se faça. Paciencia pois, muita paciencia, que Deus dara tempo para tudo e para todos.

M. F.





HORRORES DA ESCRAVATURA EM PLENO SEculo DAS LUZES

## SECÇÃO CRITICA

## Ainda a questão infeliz

**U**LVEM SE de onde a onde, entre os dispersos rumores da opinião publica, umas vezes, que se fossem prenuncios de verdade, consoladora paz trariam a muitos espiritos e alegria suprema a todos os catholicos do reino e de fóra do reino. Todos teem postos os olhos n'aquelle esgrimir inglorio, travado ha tantos annos entre o Prelado de Coimbra e os lentes de theologia, e perguntam, perturbados, coherentes d'angustia, — «Para què tal desperdicio de forças?» Quantas palavras, quantos volumes, atirados ao rosto do adversario sem maior vantagem que poder, no explosir d'umas iras que não honram, clamar desafoadamente: «Apage! Espesinhei-te!»

Talvez; mesmo empregando este verbo nas duas accepções mais vulgares

Mas... todo esse homerico lidar que mais ha sido que uma lastimosa guerra civil, um duello infeliz, condemnado em todos os codigos, para cuja redacção concorressem o bom senso e os principios mais rudimentares da justiça? Quem até hoje tem sido o vencedor? Ninguém; que a ninguém vemos cantar os hymnos da victoria e ostentar ufano as honradas cicatrizes do triumpho... a ninguém vemos recolher de rosto alegre o opimo despojo deixado no campo da batalha; a ninguém vemos gravar no bronze da historia o feito illustre que se possa apontar aos vindouros. Quer-nos parecer que ninguém, a sós, nas horas placidas em que as paixões ruins não venham sombrear o espirito, terá animo sufficiente para, de mão posta na consciencia, dizer de si: *Bonum certamen certavi*.

Por isso, talvez mereça attenção a opinião publica que nos affirma estar a desventurada questão proxima do termo.

Oxalá!

Para quem isto escreve seria tal acontecimento mais prezado que a propria vida, principalmente depois que homens tão distinctos se deixaram tentar, chamando em seu auxilio os poderes do Estado.

Ninguém foi vencedor n'essa guerra fatal. Mas se nos perguntarem se algum dos combatentes caiu vencido, não duvidamos affirmar, de parceria com os proprios que soffreram derrota e com muitos amigos seus, que aquella parte que implorou auxilio, sobre uma questão de direito, a uma potencia que se impõe pela força e que tantissimas

vezes ha postergado criminosamente o direito, essa... ajoelhou na arena do combate.

Accumulem-se montanhas de volumes para combater esta asserção, que esses volumes hão de passar, mas o que não passa, é aquella auctoridade invencível da Egreja, que subsistiu por dezenove seculos e subsistirá, inabalável e firme, até ao fim dos tempos. Sabido é que a auctoridade das Congregações Romanas não frue d'aquelle valor singular só proprio da auctoridade pontificia; ninguém porém desconhece que no mundo, depois da voz infallível do Pontifice, nenhuma ha com mais seguros titulos de ser acatada, que a das Sagradas Congregações. Ha quem duvide d'isto? Ha: são todos os herejes, mas Portugal, por mercè de Deus, não tem sido terra de herejes, não o ha de ser.

Infelizmente, pois, recorreu, quem não devia recorrer, ao poder secular; e este, esquecido já da questão do cabido de Bragança, appareceu, mui lepidamente, à sombra do lema *la force prime le droit*, a deferir mais amplamente do que pediam os supplicantes. Contentavam-se estes com que ao Estado incumbisse, por delegação da *Sancta Sé*, a direcção do ensino theologico da Universidade. O ministro de S. M. porém, nos decretos recentes, avoca ao Estado o poder de gerir a Faculdade de Theologia por direito proprio e originario!!

Ambicionariam tanto os respectivos cathedrauticos? Não podemos crelo.

Alguem nos disse «que em tudo isto prestaram um bom serviço à impiedade, pelo menos inconscientemente.»

E foi pena!

Que fará agora a Faculdade? Aceitará a carta de alforria, pela qual o Estado, sem ella o querer, a eximiu da auctoridade da Egreja?

O mal attingiu uma crise desesperada, e desde agora, cada passo ha de firmar-se ou no caminho da vida ou na vereda da morte. De joelhos imploramos á Faculdade de Theologia o cumprimento, que a ella lhe toca, por juramentos solemnissimos, de seus mais sagrados deveres. Inspire-se dos conselhos amigos, exarados na nova Encyclica do Venerando Pontifice, e sejam elles que a soergam á celsitude que lhe pertence occupar por sua alta dignidade. Que a Faculdade seja digna filha da Egreja, esperamol o confiadamente: no gremio d'ella ha ainda membros que déveras teem pranteado ta manha desgraça, e a magua d'elles ha de valer para destruir um escandalo, jubilo dos inimigos e espiuho cravado ha tanto no coração dos fleis. Na hora em que a Faculdade se manifestar no sentido d'aquelle generosa obediencia,

n'ella ensinada por tantos seculos, encontrará a dar-lhe os emboras quantos olham como honra suprema o serem subditos fleis do romano Pontifice.

O procedimento do governo, porém, é que jamais póde achar ablução.

Quando uma nação poderosa, educada na eschola do sr. José Luciano, sabedora que farte das illações praticas que podem deduzir-se da impia maxima «*la force prime le droit*», estendia a garra traçoieira sobre uma das nossas melhores colonias, quando a elle lhe cumpria unir estreitamente os elementos vitaes da sua patria, para a tornar forte contra o inimigo, cada hora mais audaz, é n'esse momento de perigo, que, por um rasgo de penna, prepara um conflicto religioso adicionado á guerra estrangeira. Pobre José Luciano! dementado pelo desvanecimento do mando supremo, nem se lembrou sequer da historia de Chucherumello, que, embora popular, foi aproveitada por Garrett para concretisar umas regras, logicas a valer. Por isso, no dia seguinte ao dos iniquissimos decretos, lord Salisbury carregava as peças e apontava-as ao brio portuguez!

O velho Deus vive ainda! e aquelle que desrespeita a Egreja, seja Napoleão ou Bismarck, ha de sentir claramente que o Esposo acode sempre em defesa de sua amada.

Deus perdoe a Jose Luciano, que se esqueceu do quanto Portugal ha mister da união de seus habitantes, para realisar na Africa aquella nobre missão que lhe está commettida—a civilisação de tantos povos. Apezar porém d'um erro gravissimo, crime contra a patria e contra a Egreja, é possível não falem, nas proximas eleições, *patriotas e catholicos* a votarem no mesquinho ex-ministro!

E. I.

## Brazil

**N**ão nos occupamos n'estas linhas da mudança recente do estado de ser politico do Brazil; tomamos uma circumstancia da nova situação brasileira, que nada depõe a favor da actual dictadura no Rio de Janeiro, o novo *kalendario*! O Brazil, de que os brasileiros se gloriam, é o dos *brazileiros catholicos* e não o dos *brazileiros maçons*, e assim é contra o sentir geral d'aquelle povo uma *resolução* que se lhe impõe em nome da liberdade, e offende seus sentimentos christãos para ps *escravisar* com sentimentos *positivistas*, contrarios á Fé Catholica que professam! Napoleão formou o seu *kalendario* que durou pouco; este porem não foi tão offensivo



para a França christianissima, como o é para o Brazil Catholico o *kalendario* do mais ou menos *primo*. Para dar uma idéa bastante do que é o *novissimo kalendario* basta dizer que n'este o Domingo, *dia de Deos por excellencia*, foi mudado em *dia do homem*; escaudalo bastante para scandalisar todo o mundo não materialista ou materializado, e não menos a grande nação republicana os Estados-Unidos-Norte-Americanos! Aquella resolução dictatorial, *dita brasileira*, tem tanto de antichristã como não é menos inepta e de homens cegos pela falta de Luz Religiosa e de bom senso. Embora todos os desacertos da actual Republica em França, o *Positivismo* não foi adoptado por ella oficialmente e a França não o quer. Nem o actual governo francez, sustentado pelos *revolucionarios radicaes*, decretou a *Separacão da Egreja do Estado*, não porque elle seja *devoto*, mas porque não esquece o sentimento catholico da quasi-unanimidade dos francezes, circumstancia valiosissima, e que aliás tambem se dá no Brazil, que *certos brasileiros* procuram fazer passar por impio ou indifferentista em materia de Religião, não merecendo tal desconceito os verdadeiros brasileiros.

A nova *Encyclica «Voltar aos principios christãos»* veio em continente condemnar o proceder encetado pela actual dictadura brasileira no que respeita ao modo como os principios christãos devem ser respeitados para o bem moral e temporal dos homens, das familias e dos povos. Um nome *afrancezado* entendeu que podia decretar no Brazil o que em França não pôde andar caminho, embora todas as convulsões da nova Gallia. O *novissimo estado de cousas official*, no Rio, decretou dis pensar-se de Deos; Deos, que tudo pôde. terá já decretado, (e assim nos explicamos por isso que não ousamos entrar nos Designios Divinos) terá decretado entregar *aquellas cousas*, por *Sua condemnação*, ao Diabo; quanto á doutrina *d'aquelles di lá* estamos certo e é de Fé, que está de posse *d'ella* já Satanaz. Um Estado sem religião é um edificio sem base; e bem disse o notavel observador, «que era mais facil formar uma cidade *no ar* do que um povo sem Deos!»

O tristemente celebre *kalendario fluminense*, alem do mais grave, é um elemento de confusão na vida pratica, que obrigará os doutores a *irem d'eschola*; toca ou encontra-se o *mau espirito com o ridiculo*; não tem verdade e por isto falta-lhe poesia, é massudo de todos os quilates de brutalidade; é um echo ao *kalendario garibaldino*; aquella gente é tambem capaz de fazer uma parodia anti-christã relativamente ao segundo dos Sacramentos, e assim

substituir n'estes, n'aquelles e n'aquell'outros, os nomes de Santos por nomes *de theatro*, de feras ou reptis. Toda aquella parte do mundo se *ennôjard* de que n'uma cidade americana ou que n'outro logar fosse, se desse um *facto* anti-christão e ridiculo, tal o *novissimo kalendario!* E o mesmo *nôjo* se alastrará por as outras partes do globo. O *progresso louco* com a *liberdade estontada* produz phenomenos de *loucura* como aquelle *kalendario do homem*. A *Republica opportunista* em França tem commettido *graves opportunitades*, porém a *kalendarica* não; reservou-se com vã gloria a dictadura *dos primos*.

Todas as chancellarias, todos os correspondentes do Brazil e para o Brazil, têm de se prover da *cifra kalendarica*, para entenderem e serem entendidos; é vontade de dar trabalho para *glorificar* o mau sentimento *positivista*, e a *asneira*; Bismarck ter-se-á rido com as mãos nas ilhargas, e o mesmo Crispi, por certo, ter-se-á *incrispado*. O *ridiculo* é bastante para tornar ephemera a *innovação kalendarica*; o *ridiculo* mata os *ridiculos* e as cousas de *ridicularia*; que bom *capitulo* para *Revista do anno, de chacota!* Quando os homens se investem a si proprios da auctoridade, negando que toda a auctoridade vem de Deos, ha logo a esperar d'elles injustiças e despropósitos! Faltava ao *philosophico novissimo Diccionario* ou *Diccionario de pés para o ar*, na letra *h*, a palavra *kalendario*; agora tal lacuna desapareceu por *merito* da *dictadura* no Rio de Janeiro, e folgam os *philosophos de cabeça para baixo*. O *Kalendario Catholico*, ou seja o *Ordo officii divini etc.* para uso do Clero ou seja o que vulgarmente é chamado *Folhinha* para uso de todos os catholicos, é uma *publicação*, que encerra piedade e sciencia. Em Portugal estava tão necessario e util *trabalho*, antes da iniqua e tonta expulsão dos conventos, entregue ao exclusivo e competente cuidado dos *Congregados do Oratorio*, cujo fundador foi S. Felipe Nery; esta *Congregação* tinha diferentes casas ou conventos n'este reino, e dous d'estes em Lisboa, um era o do *Espirito Santo* e o outro o de *Nossa Senhora das Necessidades*; no primeiro era feito o *Kalendario*, e a *Folhinha* de porta e a de algibeira para mais facil instrucção e guia do publico; o ultimo *Calendarista Oratoriano* em Portugal foi o Reverendo Padre Vicente Ferreira, que tivemos o bem de conhecer, e de quem foi discipulo o Reverendo Padre João Pinto da Gama que reside em Coimbra e continua a *dar honra do Mestre*, em todo o sentido. Não sabemos quem, *lá no Rio*, foi o *Kalendarista-Positivista*, que fez

*obra de limpar a mão d' paredel!* E' bem certo, que os meritos e sciencia dos *sabios modernissimos* estão para os merecimentos e saber do clero, como o terceiro pateo universitario conimbricense está para o terraço da torre da Universidade; é pouco marcar tal distancia, pois que esta é *immensa* entre os dois termos de comparação. Comte, lá da Eternidade, não applaude, por certo, os *Positivistas*, nem o *Positivismo*; nem no Inferno que esteja, do qual esperamos o livrasse a Misericordia Infinita! O *Positivismo* busca firmar-se no que não pode ser base, fugindo á Base, que é *indispensavel* para tudo e para todos: é pois mentirosa até a sua propria designação. O que é positivo, *de* logo deixa de ter tudo aquillo que não pôde provar ante a Verdade *que é*, e assim o *Positivismo* pecca *pela base*. Os *positivistas* no Brazil ficarão *tacanhos* como ficaram na Europa, sem que lhes valha o *kalendario*; o *novissimo escandalo* só lhes servirá para maior descredito. E' mi-ter *cynismo* para atirar ás faces do mundo um *decreto* como o que busca guiar a vida dos *brasileiros* por o *celeberrimo kalendario* em contrariedade com o senso commum e mais que tudo com o sentimento christão! Se aquella *dictadura* não quer ser christã, ao menos deve respeitar os sentimentos Religiosos dos que estão debaixo do seu governo. Onde não ha *«fé»* não ha a esperar juizo; é assim, e os factos sempre têm prestado homenagem comprovativa. Carece-se, para ser sapateiro, *ainda hoje*, dar annos ao ollicio; *agora* reputa-se *innato* o conhecimento da *Arte de governar* o Estado, e não ha Bacharel ou *abacharelado* que deixe de se reputar capaz de ser *Ministro*; as gravissimas funestas consequencias mettem-se pelos olhos como punhos. A *Revolução* desorganizou a *sociedade civil*, a *Revolução* não a pôde reorganisar; a *potencia revolucionaria* só é para confusão e ruina emquanto lh'o permittem os Altos Designios de Deus! E só de Deus o remedio!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Infancia de Maria

(Vid. p. 75)



ITALIA é o emporio das artes, porque a fadara a Providencia para ser o palacio da Egreja, a quem as sciencias coroam, ao mesmo tempo que as artes se ufanam de revestir de suas mais esplendidas galas. Roma, Padua, Assis, Loreto, Napoles, Milão, testimu-

nham perante o mundo o rigor do pensamento que exaramos.

O *baixo relevo* reproduzido em o n.º anterior é um pequenino mas formoso especimen d'esse museu inequalavel, que por tantos seculos a Igreja andou colleccionando, para, talvez, ser destruido pelos demolidores *civilisados* da actualidade.

Examinemol-o: A Virgem, abandonando o collo materno esmaga com pé victorioso a hydra tentadora, ao passo que ao Cordeiro immaculado offerece o pasto delicioso de lirios perfumados. Joaquim, o Patriarcha, contempla, enlevado, Aquella que ha de ser a Mãe do Verbo, e, na profundeza de seu espirito vidente, medita os altos Mystérios que, por intermedio de Maria, a Trindade Sanctissima produzirá na sua obra de prodigio e misericordias, obra que assombra e abraça todos os seculos. pela qual o homem, caído no oceano do crime, será transportado a um porto seguro—paraiso de delicias, cujo descanso e venturas podem desejar-se. podem esperar-se, mas não podem explicar-se. No alto, a celeste Jerusalem. conscia de que lhe nascera a que ha de presidir lhe na eternidade, baixa. apressada e solícita, a offerecer-lhe a coroa de Rainha Immortal, e a entoar-lhe os divinos accordes do Hymno triumphal que para Ella compozera o Esposo: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol?*

O ideal primoroso do auctor, tão correctamente executado. synthetisou em curto espaço a queda primitiva; o advento da Eva redemptora; a Incarnação do Verbo; o paraiso que se perde; o desterro em que se expia; o céu para onde caminhamos.

Ab! o genio da arte, como diz Plató, não é somente a lyra passiva desprendendo sons ao perpassar do vento. Esse genio é a força, é o enthusiasmo, é a actividade. A imaginação produz, mas a sensibilidade, tanto mais potente quanto mais a animam os reverberos da Verdade eterna, é a só que dá o movimento, o calor e a vida. Quereis pois deliciar vosso espirito perante os productos maravilhosos do genio? Ide á arte christã: n'ella e só n'ella encontrareis assumptos, que plenamente alcançarão aquietar os indefinidos anseios de vossa alma, de quem a intelligencia e a vontade se alimentam da verdade e do bem, em tanto que a sensibilidade se goza dos prodigios do bello.

M. F.

## RETROSPECTO

O *conflicto*.—O sr. D. Miguel de Bragança escreveu ao sr. Pereira da Cunha, chefe do partido legitimista, a carta seguinte:

«Bronnbach, 27 de janeiro de 1890.

«Meu caro Antonio Pereira da Cunha (Recebendo a noticia da morte do nosso chorado João de Lemos, envie a Pereira da Cunha uma carta, e tive de dital-a, por não poder ainda, n'essa occasião, escrevel-a por minha mão.

«Só ha poucos dias, me levanto e posso ler e escrever alguma coisa.

«Aproveitando estas primeiras melhoras, vi os jornaes; e só por elles tive agora conhecimento dos tristissimos acontecimentos, que hoje affligem a Portugal.

«Que dôr é a minha, ao presenciar estes factos, sem poder, de modo algum, nem manifestar bem o que sinto. nem socorrer a minha patria, cujas afflicções são tambem minhas, e pela qual daria o meu sangue e a minha vida!

«Não quero, n'este momento d'angustia geral, analysar as razões a que se devem os successos fataes a que assistimos, acreditando achal-as em culpas de omissão do nosso proprio que rido paiz; quero antes esperar que, de futuro, com a ajuda de Deus, e a cooperação de todos os homens de bem sem distincção alguma, se remediarão os males que a patria tem soffrido até agora.

«Por isso me consola profundamente ver quanto a dedicação patriótica se manifesta entre todos os portuguezes, de um modo tão espontaneo e esperançoso, e por sacrificios, verdadeiramente heroicos, e que recordam os rasgos de abnegação dos melhores tempos da nossa historia.

«Rogo a Deus haja a Antonio Pereira da Cunha em Sua Santa Guarda.—Seu muito afeiçoado—D. Miguel de Bragança.»

Longe da patria foram os nossos de sastrés ferir um coração que a ama com taes extremos como se de perto lhe conhecera os encantos. Aqui, todas as classes, com uma abnegação heroica, acham-se preparadas para os maiores sacrificios.

O clero, com o denodo dos primeiros tempos, toma na presente conjunctura notavel proeminencia. Varios e energicos tem sido os protestos com que evidencia o seu amor á patria, e agora mesmo nos chega um, assignado pelo Rev. Padre Francisco Antonio da Costa, parochio d'Aldeia Gallega do Ribatejo, que muito nos honramos de exarar:

«São na verdade deslumbrantes—diz

o illustre signatario—os testemunhos de amor patria, que Portugal tem dado ao mundo inteiro.

«As damas despojam-se das suas joias: os felizes abrem generosos os seus cofres: o commercio repelle os lucros: a armada, o exercito, os funcionarios publicos, os artistas, e até os pobres, dão de boa vontade o pouco que podem tirar ás suas necessidades: a juventude quer armas, e a velhice lamenta a falta de forças e de vida. Eu tambem amo com todo o enthusiasmo a terra que me deu luz, sustento, educação. Por ella affronto os sorrisos da indifferença, os motejos partidarios.

«O silencio n'esta conjunctura é crime de lesa nação. E mesmo porque todos os alvitres podem ter alguma cousa de bom. Queremos a Africa? E' necessario sem dilatação de tempo, sem pretextos frivolos, estabelecer largas commissões ultramarinas. E' necessario, sem perda de tempo, illustrar o africano: ensinar-lhe os seus deveres, outorgar-lhe os seus direitos: tornar o homem inerte e boçal em cidadão prestimoso.

«Estou certo que o clero portuguez não cede em patriotismo ás demais classes sociaes. Nós, porém, e comnosco todos, que não desejam ver constituída como direito internacional a força bruta, appellamos para a nação, e com os seus donativos, formaremos um cofre permanente que desenvolva com proveito para o paiz as missões ultramarinas. Os ex.<sup>mos</sup> prelados dignar-se-hão para tal fim de empregar os meios, que a sua muita illustração e patriotismo dictarem. Temos por nós os relevantissimos serviços prestados a este reino por S. Francisco Xavier, Anchieta e Vieira. Snr. Redactor, se achar aceitavel e proveitosa para o nosso paiz esta idéa, rogo a V. a fineza de publicar a minha carta. E se ella for sympathica a qualquer outro jornal a fineza tambem de a transcrever.—De V. etc.»

Ha pois forças de sobra para nos salvar do precipicio. Falta apenas quem as saiba combinar e utilizar.

N'esta data a academia de Coimbra, cedendo á ebulição do sangue quente da mocidade, entrega-se a uns ferventes enthusiasmos, significativos do muito que a emocionou o insulto cuspi-do contra a patria, aggravado agora pelos artigos de John Glas Sandman. Sejam esses enthusiasmos bem orientados, para que todos redundem em pura gloria nacional.

*Noticias d'África*.—Não são boas as que nos chegam d'Angola. Não basta-va a pendencia dos Mokololos, accres-



ce-nos ainda a dos boers (1). Em julho ultimo, o denodado missionario P.<sup>o</sup> J. M. Antunes escrevia ao sr. Bispo d'Angola: «Isto não vai por cá muito bom. Os boers andam roubando e assassinando os gentios por toda a parte. Acabam de fazer uma sortida contra o gentio de Huilla, do qual mataram algumas pessoas devastando toda a terra no espaço de perto de 12 leguas quadradas. Todo o gentio está emigrando para fóra do planalto. Estou prevendo que em muito curto espaço de annos os bellos campos de Huilla estarão desertos e despovoados como já estão os de Humpata. Se os boers ficam impunes é o que acontecerá.»

As previsões do P.<sup>o</sup> Antunes converterem-se em facto. Os boers, alliados com os allemães de Angra-Pequena varrem com estragos horriveis o planalto de Chella, e como ninguem se lhes oppõe, tractam de estabelecer alli uma republica.

E em face d'estes desastres todos, não se cança o governo de malbaratar as forças da nação em eleições, nem o sr. Theophilo de enunciar a idea infame de que, nem sequer em defesa da patria, podem caminhar de mãos dadas o povo catholico e a facção da republica. Miseria!

*Italia.*—A grave attitudo assumida pelo episcopado italiano em presença da iniqua lei da espoliação das Obras Pias, tem dado serios cuidados a Crispi, que, na explosão das iras concentradas, prohibiu, a titulo de precaução contra a *influenza*, a peregrinação nacional ao Vaticano. Jogou porém ruim carta o pobre Crispi: o voto ministerial produziu maior affecto ao venerando Pontifice, maior aversão aos carcereiros d'elle. Emsim—*Quæ enim seminaverit, hæc et metet.* Para mais tarde fica pois a peregrinação, que terá de ser abrilhantada pela beatificação do veneravel João Ancina, bispo de Saluzzo, contemporaneo e amigo de S. Francisco de Sales.

Crispi prosegue de abysmo em abysmo. A' lei das Obras Pias faz succeder a do divorcio, e apoz ella a que ou-

(1) Os boers descendem dos colonos holandezes que, no tempo do predomínio marítimo de seu paiz, se estabeleceram no cabo da Boa Esperança. Intentando os inglezes subjugal-os, retiram-se para o interior, conseguindo formar duas republicas, a de Transvaal e a de Orange. O amor da independencia levou-os a armar com a Inglaterra, vencendo-a nas batalhas de Pretoria (1880), Laings Neck (28 jan. 81), Schain-Hoogte (8 fev. 81) e por fim junto à serra de Mazuba, onde lhe mataram o general sir George Colley, conseguindo por isso um tractado de paz com a Inglaterra, firmando em 21 de março de 81.

thorga ao ministro o direito de retirar o *exequatur* aos parochos e bispos! Será a cupula da satanica perseguição dirigida contra a Igreja?

S. Sanctidade, a quem alguns jornaes—sem revelarem um signal de sentimento—deram por fallecido, goza d'uma saude vigorosa, o que realmente enche de consolação a todos os fieis: *Oremus pro Pontifice nostro.*

*Principe Amadeo.*—Ainda alguns traços no esboço do veneravel extincto. Como dissemos, aclamado rei da Hespanha, foi d'ella expulso. Voltando a Italia, sua patria, teve sempre tão christão proceder, que, vindo a inviivar em 1876, chegou-se a dizer que projectava ordenar-se. Humberto nomeara-o commandante d'um dos corpos de Roma; chegado o tempo quadragesimal, desejando o principe cumprir seus deveres religiosos, ouviu do sacerdote a quem se derigiu que, sem embargo de sua alta posição, não seria absolvido, em quanto não renunciasse às funcções que exercia na cidade dos Pontifices. O que fez o principe? O que faria todo o christão: foi ao Quirinal depor nas mãos de Humberto a dignidade que lhe tinha concedido. Que farte esbravejou o rei contra o clericalismo, mas Amadeo foi-lhe observando «que seu maior interesse era salvar a alma e para desejar fóra que Humberto pensasse d'egual modo.»

E' de crer que a salvasse. A sua morte foi d'um verdadeiro christão e seu testamento uma solemniissima profissão de fé catholica. O seu grande empenho, nos ultimos momentos, era falar a Humberto, que veiu de Roma, a toda a pressa, receber o ultimo suspiro de seu irmão. Realizou esse empenho. Oxalá que as vozes de verdade que por certo confluem na hora extrema ao usurpador do patrimonio da Igreja, sirvam para conduzir este de tal modo que possa merecer tambem fallecer *in osculo Domini.*

*Pelo Brazil.*—Em 18 de dezembro (contaram as folhas) no Rio tentara-se uma contrarevolução, que não vingou: houve porém mortos e feridos e no dia seguinte a execução de 21 chefes do motim. Algumas folhas contradisseram a noticia, mas o decreto da suspensão das garantias de 23 do mesmo mez, que se não lavraria sem motivo importante, veiu confirmar que a acquiescencia ao novo estado de coisas não é tão completo como tractam de impingir. O *Temps* fala ainda d'outro pronunciamento em que se acham envolvidos seis officiaes de marinha. O decreto condemna ao fuzilamento todos os que, por escriptos, palavras ou

obras, conspirarem contra a republica. Nada mais e nada menos. Quando hoje um monarcha sente vir-lhe de encontro um republicano, ha de pegar-lhe delicadamente com mão enluvada e convidal-o a desviar-se. O republicano, esse, quando assoma ao poder, ao enxergar deante um monarchico, préa-o com uma tenaz em braza e tritura-o sem trepidações nem remorsos. Todavia a este dá-se-lhe o nome de heróe, ao outro cobre-se de infamia chamando-se-lhe traidor ou despota.

Quando raiará o seculo em que a verdade frua os direitos que lhe pertencem?

Outros decretos estabeleceram o casamento civil e a separação da Igreja do Estado. Em 13 de janeiro reuniu-se em Petropolis a comissão encarregada de elaborar o projecto da constituição federal. Ha de sair obra acabada, a avaliar pelo presidente da comissão, o dr. Saldanha Marinho, bem conhecido nos annaes da maçonaria, de que é hoje *grão mestre* Deodoro da Fonseca—o Iturbide brasileiro.

Deus se compadeça do desventurado Brazil.

*Feixe de noticias.*—Em Amiens, uma comissão dos alumnos do lyceu, assistindo a um officio funebre, portavam-se tão vilmente, ainda nos momentos mais veneraveis da missa, falando, acolovelando-se, rindo, sem mesmo curvar o joelho à elevação, que a todos os assistentes deixaram escandalizados, até aos mais indifferentes em materia de religião, dando-lhes ensejo de clamarem que todo o ensino sem Deus é tambem ensino sem educação. Por cá temos o mesmo, e assim continuará o desmando, em quanto não chegarmos a tempo de se vedar o ingresso nos templos aos que alli entram com porte menos correcto que o exigido n'uma taberna.

—Em França, o ensino livre é subministrado por 43:189 professores d'instrucção primaria e 5:870 de instrucção secundaria, isto é, quasi tantos como os do ensino official, sendo aquelles os que mais trabalham, porque o povo, sem embargo da corrupção a que o teem levado, quer pagar mais, mas não quer os filhos educados impiamente.

—O deficit da municipalidade de Roma sobe a 16 mil contos! Veja-se por que mãos andam os dinheiros do pobre povo romano.

—O movimento religioso em Lourdes, no anno findo, attingiu uma cifra prodigiosa: Em todo o anno alluaram a Lourdes 130 peregrinações trazendo 111:860 peregrinos; 2 cardeaes visitaram a cidade de Maria, Monsenhor Richard, arcebispo de Paris, e Monsenhor

Desprez, arcebispo de Toulouse; passou alli 1 patriarcha, D. Antonio Sebastião Valente, arcebispo de Goa; 63 arcebispos, bispos e outros prelados, vieram prestar homenagens á Immaculada. As missas que alli se celebraram attingiram a 34:836 e as communhões aos fiéis excederam a 202:800. Os associados inscriptos na confraria da Immaculada Conceição foram 6:221, e na do Rosario 5:417. A conta das supplicas de orações, enviadas de todas as partes do mundo, foi 613:688. e a das acções de graças 10:916. Foram recebidas 141 coroas nupcias, 347 coroas de ouro, 304 placas de marmore (1), 16 casulas, 6 bandeiras, 2 estandartes, 2 espadas, varios donativos d'outra especie, como vasos sagrados, tapetes, albas, toalhas, etc. etc. 82:300 garrafas d'agua miraculosa foram expeditas das guardas da Grutta, e o resultado das quatro *Peregrinações espirituas* fez a somma de 16:992\$800 reis.

—Missionarios enviados para a evangelisação de Angola—Total... 1. Foi o Rev. Padre Joaquim Xavier Casimiro Mascarenhas.

—Na capella *lusitana* do Torne houve uma conferencia sobre astronomia. Assumpto admiravel para lunaticos. Mas, valha-nos Deus! muito bem diz o «Jornal da noite», quando affirmo que o governo portuguez consente, na metropole e nas colonias, mais liberdades aos protestantes que consentiria aos Jesuitas ou Lazaristas. E' por isso que *Times* tanto insiste em nos reprovarem a sciencia de civilisar a Africa. A Inglaterra, vendo que lhe acceitavamos a *egreja*, intendeu que lhe acceitariamos o *Estado*. Ergo...

—Concluamos funebremente. Vamos de encontro ao nosso costume, mas a excepção confirma a regra. «A liturgia maçonica—diz Leo Taxil no Gaulois—necessita d'uns aprestos complicados, que de per si constituem um ramo de commercio, estabelecido em Paris na rua de João Jacques Rousseau, onde se fabricam e expedem os diversos utensilios das lojas e antelojas. Ninguem pôde imaginar o que é esta inverosimil congerie de peças exóticas, de que se fornecem todos os veneráveis da França e Navarra. O *esquife de Hiram*, guarnecido de veludo preto, custa 80 francos. Das *lagrimas de pano branco*, para enfeite das paredes da camara funebre, cada cento vale 15 francos. Por 45 francos obtem-se um *sol*, uma *lua*, ou uma *estrella*. A *prancha oscilatoria*, destinada á cambalhotas das Irmãs maçonas, importa em 55 francos; o *mechanismo* para simular a sa-

raiva e o trovão, no intuito de atordoar o recipiendario noviço, que se conserva d'olhos vendados, custa de 65 a 80 francos. A *alampada* de lycopodio, para envolver de chammas o recipiendario no momento em que lhe tiram a venda, vale 15 francos. O *caliz da amargura*, com que ao noviço se offerece um liquido adocicado que repentinamente se transmuda em poção amarga, compra-se por 8 francos, e é barato. Em compensação tem elevado preço o *ramo de acacia*, com que se cobre o pseudo-cadaver do mestre, pois vê se avaliado em 10 francos. De 25 a 40 francos é o custo da *espada* em zig-zagues, com que se arma o Veneravel, e de 12 a 50 francos o punhal de prata com que os cavalleiros Kadosch ameaçam o céo, exclamando: *Nekam, Adonai!* (Vingança contra ti, Adonai!) No que toca a *mascaras, aventaes, chrdchs, cordões, sabres, cintos, caçolletas, columnas de brônze, cadeias, objectos allegoricos, urnas funerarias, malhetes*, etc. ha uma variedade notavel de preços.

Como epilogo de tudo isso, falemos agora dos *esqueletos e cabeças de defuncto*. E não pensem os leitores que se tracta de esqueletos de pau, ou cabeças de cartão-pedra; não senhores: são cabeças de esqueletos reaes, que animados por uma alma foram nossos irmãos, e dos quaes, em Paris, se faz um commercio infame, e, digamos francamente, de notavel consumo.»

Leo Taxil, testemunha insuspeita n'este assumpto, narra claramente as lastimosas applicações da ossada humana. A nós falta-nos porém o animo de lançar no espirito dos leitores, e ainda mais das leitoras, umas tristes impressões que lhes fariam importuno pavor.

Fevereiro, 5 de 90.

M. F.

*Resultado das Peregrinações Espirituas a Nossa Senhora de Lourdes, nos quatro jubileus do anno findo.*

D. Carlota de Mattos Mascarenhas.	47\$860
D. Anna Machado .....	10\$000
D. Rosa Mendonça .....	2\$120
D. Adelaide Borges de Castro .....	6\$300
D. Anna Machado e D. Ad. B. de Castro .....	1\$320
D. Antonia Leite Botelho .....	2\$040
Uma familia .....	100
José Pereira Vianna .....	200
D. Amelia Rebello, D. Maria Innocencia Couceiro da C. Albuquerque e D. Balbina J. de Sousa Guimarães .....	17\$010
Geraldo J. M. da Costa .....	2\$000
Francisco José de Sousa .....	3\$000
Padre Antonio José Pavão .....	5\$140
D. Baselina de Jesus Monteiro .....	2\$000
Padre Estevão Alvares da Cruz .....	2\$000
D. Rosa da Cunha .....	2\$020
D. Maria da Piedade .....	2\$000
Padre Antonio da Cunha Jordão .....	4\$690

D. Miquellina Julia de G. Azevedo.	42\$230
D. Josephina T. de Freitas .....	800
Francisco José Barbosa .....	580
Umam anonymas de S. Torquato .....	3\$900
D. Maria Barbara de C. e Vasconcellos .....	4\$320
João Leitão .....	5\$000
Padre Francisco José Monteiro .....	10\$000
Antonio d'Andrade .....	3\$200
Mannuel J. d'Oliveira Bastos .....	3\$000
D. Maria Eugenia Vieira de Sousa.	7\$390
Dois irmãos .....	520
Luiz G. d'Azevedo .....	3\$000
D. Leonor da C. Leite de Castro .....	2\$390
D. Constança J. da Silva Castro .....	1\$000
D. Maria da C. Gomes Martins .....	1\$000
D. Maria Emilia da Silva .....	1\$000
D. Theresza de J. Leite de Castro .....	1\$000
D'estas ultimas zeladoras, mais .....	5\$110
J. M. d'Almeida Garrett .....	3\$750
Antonio Luiz Faloão .....	3\$200
Adriano P. Basto .....	1\$120
D. Joaquina da Silva Bacellar .....	2\$310
Varios anonymos .....	17\$100

Total..... 234\$390

Temos enviado estampas a varios zeladores e zeladoras, não tendo ainda sido possivel satisfazer a todos, por as não termos recebido de França. Apenas cheguem, serão expeditas a seu destino com a maior presteza. Haia pois um pouquinho de paciencia para soffrer a demora, que decerto não será grande.

## ANNUNCIOS

### O MEZ DE S. JOSE

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR CARLOS H. PIEPER

REVISTO PELO

dr. theologo Domingos de Souza  
Moreira Freire

Com permissão do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal  
D. Americo, Bispo do Porto

Editor, José Fructuoso da Fonseca

PREÇO, encadernado . . . 160 REIS

A VENDA

EM GUIMARÃES—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas, succesores.

**A ROMA!**

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume—500 réis

(1) Uma d'estas placas foi offerecida por 10 portuguezes que estiveram em Lourdes na inauguração do templo do Rosario.